

A filosofia de Camões

SÍLVIO ELIA

Prof. Titular da Faculdade de Humanidades Pedro II

O professor português Joaquim de Carvalho, em trabalho publicado no vol. I dos *Estudos sobre a cultura portuguesa no séc. XVI* (1947), lamentava a ausência, na bibliografia sobre a obra camoniana, de uma pesquisa referente à filosofia que lhe embasara a produção poética.

Partindo dessa constatação, o escritor brasileiro João de Scantimburgo empreendeu detida análise da épica e da lírica do genial bardo lusitano e chegou à conclusão de que o criador de *Os Lusíadas* se abeberara filosoficamente nas fontes aristotélico-tomistas. Tal desfecho não deixa de ser surpreendente, porque de certo modo estava passado em julgado que Camões havia buscado inspiração nos ideais do platonismo.

Eis, p. ex., o que se lê na *História da Literatura Portuguesa* de Oscar Lopes e A.J. Saraiva:

Camões tivera uma educação platonizante, como, aliás, todo o cristão culto da sua época e todo o poeta petrarquista. Os primeiros teólogos cristãos foram platonizantes, e o mesmo sucede com Santo Agostinho, o doutor da Igreja que maior influência exerceu anteriormente a S. Tomás de Aquino. Quando o humanismo ressuscitou a Antigüidade, em tantos aspectos oposta ao Cristianismo medieval, foi também o platonismo a doutrina filosófica pela qual se tentou a conciliação das duas mentalidades. Isto explica a voga de Platão durante o Renascimento. (p. 326).

A presença de Platão é marcante na configuração da poesia amorosa. O filósofo da Academia, em célebres diálogos – *Lísis*, *Banquete*, *Fedro* – faz do Amor a fonte determinante do conhecimento, ou antes, do *re-conhecimen-*

to. No *Fedro*, p. ex., se diz que a alma, antes de viver a vida sensível, foi admitida à contemplação das realidades absolutas, contemplação que adormece quando a alma se une ao corpo. Nada enobrece mais a alma do que a recordação dessas realidades imateriais. Cabe à emoção desprender a carga afetiva capaz de provocar o nosso regresso ao mundo divino de que decaímos. E não há como a Beleza para fazer eclodir essa emoção. Esta emoção é o delírio do Amor.

O amor etéreo, a cortesania provençal, a idealização petrarquesca estavam na feira histórica que tinha em Platão a sua força criadora. A sublimação da Mulher foi o desfecho natural de uma doutrina que fizera do Amor a própria essência da espiritualidade.

Nesse particular não se pode omitir a contribuição do Cristianismo. O culto da Virgem Mãe, a Virgem das virgens, muito concorrera para esse ideal insistente da pureza feminina. Recordemos as belíssimas *Cantigas de Santa Maria*, em galego-porruguês, de D. Afonso X, o Sábio.

Seria, portanto, vão intento negar o sinete platônico da parte lírica da obra camoniana. Ter-se-ia abalanzado a tanto o abalizado mestre João de Scantimburgo?

A nosso ver, adotou uma posição de compromisso. Eis algumas pequenas transcrições do livro citado:

Era o amor no Renascimento que fervia nos seus anseios estéticos, na sua lírica, sem, contudo, desvirtuar o conceito tomista, pois entendemos admissível a coexistência da fidelidade ao tomismo e a aceitação do pensamento platônico, em parte, sobre o amor. (p. 154).

Queremos, apenas, provar e, se possível, comprovar que Camões não foi platônico, que seu neoplatonismo é superficial, concentrando-se, tão-somente, na simpatia pelo amor, de que Platão foi um dos exemplares na galeria do pensamento humano. (p. 155).

O que se recusa, porém, é que Camões tenha sido intencionalmente platônico, como foi intencionalmente aristotélico-tomista. Podendo, embora, desviar-se pelo caminho de Platão, mais extensamente, apenas aceitou seu influxo, durante sua vida, sem dobrar-se, contudo, ao pensamento do magister. (p. 170).

Vê-se, pois, que, para o A., Camões teria aceitado o platonismo na parte lírica de sua obra, talvez apenas para fins estéticos; mas se teria recusado a aderir ao pensamento do mais famoso discípulo de Sócrates. No entanto, mesmo sob este aspecto, têm os críticos da poemática de Camões apontado platonismo em seus versos. Um dos exemplos mais citados é este quinteto pertencente à redondilha *Sôbolos rios que vão*:

*Mas ó tu, terra de glória,
Se eu nunca vi tua essência,
Como me lembrás na ausência?*

*Não me lembrás na memória,
Senão na reminiscência:*

Faz-se aqui, claramente, uma distinção opositiva entre *memória* e *reminiscência*. A memória é a lembrança das coisas vividas neste mundo; a reminiscência é a lembrança da contemplação das realidades absolutas antes da união da alma ao corpo. Então a lembrança da “terra de glória”, isto é, de Jerusalém, que simboliza o céu, só pode ser lembrança de algo contemplado anteriormente à nossa vida sensível. Ou seja, na tela das idéias puras, vistas em outro mundo. Não há negar o influxo platônico nessas reflexões do *buon Luigi*.

Mas Camões não se satisfaz e prossegue:

*Que a alma é tábua rasa,
Que, com a escrita doutrina
Celeste, tanto imagina,
Que voa da própria casa,
E sobe à pátria divina.*

Querem esses versos um tanto obscuros significar que a alma é tábua rasa (*tabula rasa*, expressão aristotelica), na qual foi inscrita a doutrina celeste; então, a própria alma, ~~fez~~ imperativo dessa doutrina, recebida e não adquirida, pode, graças ao esforço da imaginação, desprender-se das coisas deste mundo, do corpo, “da própria casa” e alçar-se à pátria divina. Puro pensamento platônico a sustentar a doutrina cristã. “Graças a ele (ao delírio do amor), a nossa alma solta de novo as suas asas; pode elevar-se acima do Sensível [...] e recuperar a imortalidade que lhe pertence em virtude da sua própria natureza”.

Outro exemplo de apelo à doutrina platônica se encontra no famoso soneto filosófico *Transforma-se o amador na cousa amada*, abaixo transcrito:

*Transforma-se o amador na cousa amada,
por virtude do muito imaginar;
não tenho, logo, mais que desejar,
pois em mim tenho a parte desejada.*

*Se nela está minh'alma transformada,
que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
pois consigo tal alma está liada.*

*Mas esta linda e pura semideia,
que, como um acidente em seu sujeito,
assi co a alma minha se conforma,*

*Está no pensamento como ideia:
[e] o vivo e puço amor de que sou feito,
como a matéria simples busca a forma.*

A interpretação dessas linhas é controvertida. Do ponto de vista do discurso filosófico, nela se mesclam elementos platônicos e aristotélico-tomistas.

A transformação do amador na coisa amada é milagre da Suprema Emoção, o Amor. Mas a alusão a conceitos de substância (sujeito) e acidente, de matéria e forma remete para a metalinguagem aristotélica. Daí dizer Hernâni Cidade que “o aproveitamento de conceitos das duas filosofias – a platônica e a aristotélica – perturba a unidade ideológica do soneto”. Com a probidade científica que lhe adornava a fascinante personalidade, HC transcreve, em nota de final de capítulo, uma carta que lhe escreveu o colega Vieira de Almeida, contestando esse ponto e reafirmando a unidade platônica do soneto, pois, diz, “as relações aristotélicas (matéria-forma, acidente-sujeito) só foram realizadas em metáforas”⁷ O que, mesmo assim, a nosso ver, não excluiria a *contaminatio*.

Mas a nós parece assistir melhor razão ao saudoso Hernâni Cidade. Sente-se o desajuste da fusão. Transforma-se o amador na coisa amada e, portanto, a sua alma se identifica com a da amada. Mas foi esta que passou para aquela, e então a união se deu como a do acidente (a alma da amada) com o seu sujeito (a alma do amador). Contudo (e aqui começa o desajuste), a alma da amada (a semideusa), apesar de acidente, vive como idéia em seu pensamento e essa idéia é finalmente a forma (portanto idéia platônica = forma aristotélica) que ele, o amador, de só puro e vivo amor feito, busca ansiadamente.

No entanto, para o prof. João de Scantimburgo, nos versos

*Assim como a alma minha se conforma,
Está no pensamento como idéia**

“a idéia não tem conotações platônicas; pode ficar, perfeitamente, integrada no aristotélico-tomismo, como fenômeno cognitivo, sem relação com o mundo das Idéias” (p. 63).

Apesar da respeitável autoridade do prof. João de Scantimburgo, que revela nas rigorosas páginas de seu importante trabalho profundos e seguros conhecimentos do aristotélico-tomismo (e a sua notável e compreensível admiração pelo vate de *Os Lusíadas* talvez não queira aceitar um divórcio entre o sentimento do Poeta e o pensamento do Estagirita), não vemos ortodoxia aristotélico-tomista no citado soneto, que antes parece mais pender para o prato platônico da balança filosófica.

Passemos à parte épica, isto é, aos *Lusíadas*.

Salientemos, em primeiro lugar, a necessidade de separar o aspecto religioso do filosófico. Camões, sem dúvida, era cristão e católico convicto¹⁾ cria em Deus, na Providência Divina, nos ensinamentos da Santa Madre Igreja. Isso afirma e reafirma em várias passagens do poema e daria margem a um estudo mais pormenorizado a respeito da Teologia de Camões. Os deuses pagãos que povoam muitas de suas estrofes, como adverte a rainha Tétis: “Só pera fazer versos deleitosos / Servimos” (X, 82). E, anteriormente (IX, 89), desencantara o mito da “Ilha dos Amores”:

*Que as ninfas do oceano tão fermosas,
Tétis e a ilha angelica pintada
Outra coisa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aqueles preminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha.*

Nem precisamos lembrar as palavras de Frei Bertolameu Ferreira, Censor do Santo Ofício para a 1ª edição do poema: “Todavia como isto é poesia e fingimento, e o Autor como poeta não pretende mais que ornar o estilo poético, não tivemos por inconveniente ir esta fábula dos deuses na obra, conhecendo-a por tal e ficando sempre salva a verdade de nossa santa fé, que todos os deuses dos gentios são demônios”.

Nenhuma dúvida, portanto, sobre a ortodoxia de Camões. Contudo é sabido que a Fé e a Teologia cristãs se compadecem com mais de uma corrente filosófica, conquanto haja, desde pelo menos a *Aeterni Patris* de Leão XIII (1879), uma recomendação especial dos Santos Padres para com o estudo e a difusão da *philosophia perennis* do Aquinate.

Durante o Renascimento, é notório, houve um recrudescimento dos ideais platônicos, e Camões não esteve imune a eles. Já o vimos no tocante à lírica. No discurso épico, de caráter narrativo, os traços são mais raros. Recordemos, de início, este:

No canto décimo e último, estando o Gama e Tétis à cabeceira da mesa de altos manjares, a bela deusa, com voz doce e suave, faz desfilar, num cântico, as futuras façanhas dos portugueses. Esse conhecimento profético tinha recebido de Proteu que, segundo a Mitologia, possuía faculdades divinatórias. É o que se ouve (e entende) na estrofe sétima:

*Com doce voz está subindo ao céu
Altos varões que estão por vir ao mundo,
Cujas claras idéias viu Proteu,
Num globo vão, diáfano, rotundo,
Que Júpiter em dom lho concedeu
Em sonhos e depois, no reino fundo,
Vaticinando o disse, e, na memória,
Recolheu logo a Ninfa a clara história.*

O que diz o Poeta nessa estrofe é que Júpiter concedeu a Proteu ver em sonhos, num globo oco e diáfano, as claras idéias — ou seja, no caso, realizações em projeto — de altos varões ainda não nascidos. Em suma, o futuro heróico da nação portuguesa. A Ninfa guardou esse relato na memória e agora, com doce voz, fá-lo conhecer ao ilustre Gama.

A propósito dessa estrofe, eis o que nos diz H. Cidade:

Camões é platonizante (. . .) e por isso concebe, como Platão, que os homens não são mais que as realizações concretas, na esfera sensível, das idéias da esfera inteligível, ou seja, dos tipos gerais, libertos das limitações do tempo e do espaço, que nos indivíduos transitória-mente se corporizam. (1968: II, 187)

Em seus doutos comentários aos *Lusíadas*, E. Dias também fala em Platão:

Platão chama aos tipos gerais e imperecedouros, de que os seres e objetos individuais são manifestações particulares e transitórias, "idéias", termo que Cícero traduz por species (. . .) e que Sêneca define por estas palavras: idea est eorum, quae natura fiunt, exemplar aeternum (Epist. 58). Cam. aproveita o termo de Platão, apartando-o do sentido próprio que ele tem no filósofo grego, para significar os debuxos que Júpiter, em virtude da sua pré-ciência, fizera delinear a esfera de cristal, e que eram, por assim dizer, os modelos (exemplaria) que posteriormente a realidade histórica havia de reproduzir (eorum quae natura fiunt). (1972: 205)

Não nos parece que a rigor Camões se tenha apartado do sentido próprio que Platão emprestou ao termo; o mesmo apelo que E. Dias faz às palavras de Sêneca, ao procurar definir *idea*, mostra que a fantasia do Poeta e a doutrina do Filósofo estão muito próximas.

As idéias exemplares as almas as conheceram antes de unir-se aos corpos. Platão expõe poeticamente essa concepção utilizando-se, na *República*, do famoso mito da caverna. Numa linguagem cheia de beleza, Léon Robin assim no-la apresenta (infelizmente empobrecida em nossa tradução):

Com nosso pensamento submetido a condições congênitas e familiares, somos os cativos imobilizados desde a infância, os olhos necessariamente fixados no fundo da grotta. O caminho escarpado e pedregoso que sobe na direção da entrada simboliza a dificuldade de determinar a natureza e origem de nossas opiniões. O fogo espetacular que arde do lado de fora e do qual apenas uma vaga luminosidade clareia a grotta, os fantoches cujas sombras são projetadas no fundo (da caverna), é o sol, são os objetos físicos que, decididamente, são coisas artificiais. Quanto aos verdadeiros atores, permanecem escondidos atrás da tela do teatro. Mas os cativos ouvem o eco de suas vozes e o tomam pela linguagem do verdadeiro, atentos principalmente a observar e a reter as coexistências e as sucessões das sombras na parede. (1973: 225-6)

É o mito das idéias gerais, os arquétipos, contemplados no fundo da caverna e retidos na memória das almas cativas nos corpos. Camões adaptou-o, para justificar as profecias de Proteu, repetidas pela Ninfa. / 9

No mesmo canto décimo, onde começa a descrição da máquina do mundo, encontramos esta reflexão nos dois versos finais:

*É Deus, mas o que é Deus ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.*

A esse respeito comenta o Dr. João de Scantimburgo:

O Camões tomista afirma a doutrina eterna da Igreja, segundo a qual não se pode a priori provar a existência de Deus; o conceito abstrativo da existência de Deus recusa essa prova e assenta a sua demonstração na realidade objetiva. (p. 39)

Não nos parece tão fácil assim, nem tão taxativo, distinguir, na afirmação do Poeta, fundo platônico ou aristotélico. Saber *que Deus é*, a isso pode chegar a inteligência humana. Mas *o que Deus é* (a não ser alguns longes, por analogia, dado que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus), isso, realmente, em plenitude, não é dado à inteligência humana. Nesse ponto o platônico Agostinho e o aristotélico Tomás de Aquino se encontram.

Ao tratar da idéia de Deus em Platão, p. ex., Sertillanges redigiu esta frase (que, para maior fidedignidade, deixamos na língua original):

Au vrai, comme nous le disions plus haut, la doctrine est un réalisme spiritualiste. L'Un-Bien y est objet d'intuition, non de pure connaissance abstraitive. (Le Christianisme et les Philosophies: I, 148)

Jacques Maritain, em *Les Degrés du Savoir*, insere um capítulo sobre *La sagesse augustiniennne* e a sua tese é que, quanto à substância da sabedoria (sagesse), Tomás de Aquino foi um herdeiro de Agostinho. Ao tratar da questão da existência de Deus, Maritain chegou a escrever estas linhas:

A prova augustiniana da existência de Deus encontra equivalente na quarta via de Santo Tomás, às vezes até Santo Tomás parece evocá-la sob sua forma própria, ainda que, a bem dizer, não acreditemos que a formulação possa continuar a mesma nele (o que explica sem dúvida que, em vez de desenvolver expreesso essa prova, contente-se ele antes de a ela fazer alusão). (p. 604-5)

Portanto o tomismo dos supracitados versos camonianos não nos pareceu suficientemente provado.

O livro do Dr. João de Scantimburgo, apesar de cerradamente argumentado e filosoficamente muito bem forrado, não terá, entretanto, atingido o alvo previsto: o de substituir a imagem tradicionalmente aceita de um Camões platônico por uma outra, aristotélico-tomista. Talvez a minha condição de não especialista em Filosofia me tenha levado a essa conclusão. Mas não vejo como recusá-la.

TRABALHOS CITADOS

A) Textos:

As citações de *Os Lusíadas* tomaram por base a edição fac-similada do INL, abaixo referenciada; fizeram-se atualizações da ortografia e da pontuação.

As citações da parte lírica são extraídas da ed. portuguesa das *Rimas*, de Luís de Camões, por Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Atlântida, 1973.

Os versos da redondilha *Sóbolos rios* são extraídos de *Textos Quinhentistas*, ed. de Sousa da Silveira pela Fundação Getúlio Vargas, 1971 (2ª ed.).

B) Informação:

CIDADE, Hernâni. *Obras Completas de Luís de Camões*, vol. 4 – I e II. Lisboa, Sá da Costa, 1968 (3ª ed.).

CUNHA, A. G. *Índice analítico do vocabulário de Os Lusíadas*, 3 vols. INL/MEC, 1966.

DIAS, Epifânio da Silva. *Os Lusíadas de Luís de Camões*, 3ª ed. MEC/DAC, 1972.

LOPES, Oscar e SARAIVA, António José. *História da Literatura Portuguesa*, 4ª ed. corrigida. Porto, Porto Editora, s/d.

MARITAIN, Jacques. *Les degrés du savoir*, nova ed. rev. e aum. Paris, Desclée de Brouwer, 1932.

ROBIN, Léon. *La pensée grecque* (reimpressão). Paris, Editions Albin Michel, 1973.

SCANTIMBURGO, João de. *Interpretação de Camões* (à luz de Santo Tomás de Aquino). São Paulo, Melhoramentos-Editora da Universidade, 1978.

SERTILLANGES, R. P. *Le Christianisme et les Philosophies*, vol. 1º, 2ª. ed. Paris, Editions Montaigne (Aubier), s/d.